

Gênero, Memórias, Materialidades e Linguística: A Confluência entre Mulheres Indígenas, Afrodescendentes e AfroIndígenas na Arqueologia Histórica de São Paulo

Gender, Memories, Materialities and Linguistics: The Confluence of Indigenous, Afro-descendant and Afro-Indigenous Women in the Historical Archaeology of São Paulo

Marianne Sallum¹
ORCID: 0000-0001-9210-2044

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.54346

Recebido em setembro/2024 e aceito em outubro/2024

Resumo

Este paper apresenta perspectivas para investigar interações e redes solidárias entre mulheres Indígenas e Afrodescendentes na Mata Atlântica, região sudeste de São Paulo (século 16 – presente), a partir das Arqueologias do Gênero e Feminista. É uma pesquisa de arqueologia histórica e comunitária sobre soberania alimentar, materialidades e linguagens em comunidades do Vale do Ribeira e área Peruíbe-Itanhaém. A temática surgiu da confluência de interesses conjuntos acadêmicos e das comunidades para destacar, fortalecer e resgatar práticas tradicionais. A proposta é estabelecer novas interpretações sobre estratégias de persistência que estão sendo comparadas com práticas similares de duas comunidades do Equador e dos Estados Unidos, para ampliar um debate internacional em andamento. Sobre as interações em São Paulo, existe vasta quantidade de informações pouco investigadas na arqueologia, com potencial para revelar novas perspectivas sobre saberes ancestrais, transmissão de conhecimentos intergeracionais, agência e sociabilidades. A proposta tem uma abordagem interdisciplinar na análise de dados de arqueologia, história oral, genealogia, linguística histórica, geociências entre outras, dividida em cinco eixos de investigação: 1) redes de parentesco e afinidade; 2) ecologias de sustentabilidade e museus; 3) mapeamento participativo; 4) memória histórica; 5) comparação de persistências das mulheres com outros lugares do continente. A pesquisa consolida novos conhecimentos sobre o papel das mulheres na longa duração e mostra os

¹ Sallum, Marianne (marianne.sallum@gmail.com) – Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente LEVOC (MAE-Universidade de São Paulo, BR), Investigadora colaboradora do Centro de Arqueologia UNIARQ (Universidade de Lisboa, PT) e do Latin American Historical Archeology Lab (UMass-Boston, EUA).

resultados das investigações das representantes das comunidades envolvidas, contribuindo na renovação da história de São Paulo.

Palavras-Chave: Arqueologia do Colonialismo, Povos Indígenas, Diáspora Africana, Comunidades Tradicionais, Gênero.

Abstract

This paper presents perspectives to investigate interactions and solidarity networks among Indigenous and Afro-descendant women in the Atlantic Forest, southeastern region of São Paulo (16th century – present), from the perspectives of Gender and Feminist Archaeologies. It is a research on historical and community archaeology focusing on food sovereignty, materialities, and languages in communities of the Ribeira Valley and the Peruíbe-Itanhaém area. The theme arose from the convergence of joint academic interests and those of the communities to highlight, strengthen, and reclaim traditional practices. The proposal aims to establish new interpretations of persistence strategies, which are being compared with similar practices from two communities in Ecuador and the United States, to broaden an ongoing international debate. Regarding the interactions in São Paulo, there is a vast amount of information scarcely investigated in archaeology, with the potential to reveal new perspectives on ancestral knowledge, intergenerational knowledge transmission, agency, and socialities. The proposal has an interdisciplinary approach in the analysis of data from archaeology, oral history, genealogy, historical linguistics, geosciences, among others, divided into five research axes: 1) kinship and affinity networks; 2) sustainability ecologies and museums; 3) participatory mapping; 4) historical memory; 5) comparison of women's persistence with other places on the continent. The research consolidates new knowledge about the role of women in the long term and shows the results of the investigations by the representatives of the involved communities, contributing to the renewal of São Paulo's history.

Keywords: Archaeology of Colonialism, Indigenous Peoples, African Diaspora, Traditional Communities, Gender.

Introdução

Este paper apresenta perspectivas para desenvolver um projeto interdisciplinar de investigação sobre interações e redes solidárias entre mulheres Indígenas e Afrodescendentes na arqueologia histórica (trata-se da adaptação de dois projetos de pesquisa, um em fase final de execução e outro a iniciar nos próximos meses). Uma parte é dedicada ao contexto brasileiro da Floresta Atlântica na região sudeste de São Paulo, focado na soberania alimentar, materialidades e linguagens de comunidades do Vale do Ribeira e de Peruíbe-Itanhaém, do século 16 ao presente. A outra parte vai dar continuidade e expandir para comparações de estratégias

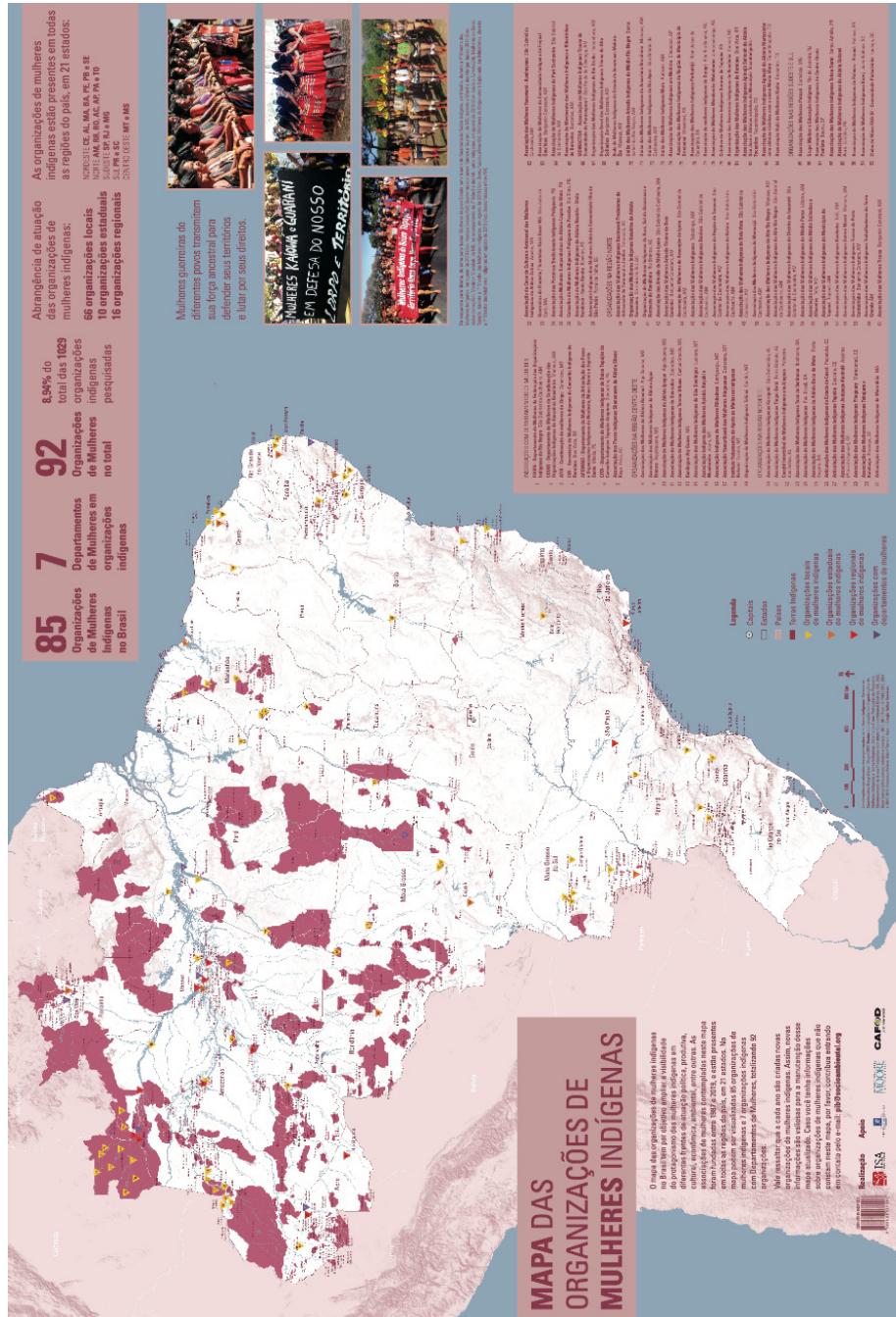
de persistência/sobrevivência entre as comunidades de São Paulo e as comunidades do Equador e Estados Unidos desenvolvidas por Daniela Balanzátegui e Stephen W. Silliman da Universidade de Massachusetts Boston. Além disso, a investigação terá a contribuição de uma rede nacional e internacional de pesquisadora(e)s acadêmica(o)s e de representantes das comunidades envolvidas que se integraram ao projeto e que trarão as suas perspectivas à pesquisa em São Paulo.

Os dados demográficos atuais evidenciam a persistência e diversidade cultural das comunidades Indígenas e Afrodescendentes nas Américas. O censo brasileiro de 2022 revelou a presença de quase 20.000 comunidades tradicionais, com 1,3 milhão de quilombolas e 1,7 milhão de Indígenas (IBGE, 2022). Os territórios Indígenas e Quilombolas são cobiçados por suas riquezas e têm sido alvo de vários ataques de garimpeiros, madereiros e especuladores da exploração ambiental. Essas ações incluem tentativas de homogeneização cultural que operaram para apagar a diversidade (Krenak, 2019), tanto que as comunidades continuam lutando pelo reconhecimento das suas histórias.

Os movimentos sociais a partir das organizações de base comunitária têm demonstrado determinação para manter seus saberes ancestrais, resistindo às opressões contínuas para interromper sua existência. Na América Latina surgiram recentemente diversas redes solidárias Indígenas, Africanas, Afrodescendentes e Amefricanas² criadas para fortalecer as alianças antigas, algumas anteriores à chegada dos europeus, e promover diálogos sobre lutas comuns pela autodeterminação e proteção dos territórios tradicionais, a exemplo da Rede de Arqueologia Negra no Brasil (Passos et al., 2024), Movimento de Liberação Negra e Indígena – BILM, Indigenous Environmental Network, The BlackOUT Collective, ATIX Mulher, Rede de Sementes do Vale do Ribeira e diversos movimentos locais. Nestas organizações, as mulheres Indígenas têm liderado importantes ações políticas, sendo que em 2020, o Instituto Socioambiental mapeou 92 organizações atuando em 21 estados brasileiros (Fig. 1). É neste contexto de sociabilidade que o projeto se insere.

2 “Amefricanidade” é um conceito criado por Lélia González (2020), que sintetiza a complexidade e a pluralidade étnica, cultural e ancestral dos povos negros e indígenas da América Latina.

Figura 1. Mapa das Organizações de Mulheres Indígenas. Com permissão do ISA: (<https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/brasil/mapa-das-organizacoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil>).



O colonialismo é central na arqueologia histórica, independente da sua definição, por estabelecer termos e temas da pesquisa, períodos e perspectivas políticas (Silliman, 2022). A arqueologia histórica das Américas investiga há décadas e com sucesso, embora separadamente, temas Indígenas e da Diáspora Africana (Hayes, 2015). Segundo Weik (2022), a lacuna se deve, especialmente, a: (1) incorporação acrítica de relatos coloniais que viam os conflitos interétnicos como regra; (2) divisões acadêmicas entre campos de estudos; (3) receio da politização das interações, crença que imaginava prejuízo nas reivindicações territoriais e identitárias; e (4) uma concepção que historicamente omitiu o papel de pessoas Africanas e Afrodescendentes no início da colonização, seja em aliança com Indígenas, como “intermediários culturais” e mesmo como tradutoras.

Tais interações tiveram variadas relações pessoais e/ou coletivas, por meio de parentescos, afinidades, intimidades, alianças, trocas de conhecimentos e conflitos. Há evidências e fatos de que, em pouco tempo, emergiram pessoas com dupla ascendência, desafiando realidades coloniais distintas. No entanto, essas interações não têm equivalência com os discursos de identidade nacional da mestiçagem e das políticas de branqueamento (Cruz, 2021). São perspectivas que precisam ser compreendidas a partir de suas especificidades locais.

As interações equivalem à definição de confluência sugerida por Bispo dos Santos (2019): a relação Indígenas e Afrodescendentes é marcada pelo compartilhamento de percepções contra colonizadoras baseadas na pluralidade e em linhagens ancestrais, preservando as diferenças. E estão no campo da definição das redes de solidariedade de Carvalho, compreende que as famílias, parentes, afins e comunidades interligadas às organizações de base, de vizinhança, cooperativas e associações. Para Carvalho (1994: 93), neste contexto, a família extensa “é o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e a socialização dos indivíduos [...]. Ela se constitui num canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais”. Em relação à vida e ao entendimento do mundo, Krenak (1994: 152) considera os povos Indígenas como sociedades de aliança e solidariedade por excelência, que, “devem ser pensadas com muito cuidado, pois não são sociedades que aceitam a dispensa da sua identidade na formação de uma massa homogênea”.

A pesquisa será desenvolvida sob as versões mais contemporâneas da Arqueologia de Gênero e Feminista (Segato, 2010; Jancz et al., 2018; Sempértegui, 2020; Montón-Subías, 2021) destacando as estratégias

organizacionais de solidariedade das mulheres Indígenas e Afrodescendentes na preservação das práticas tradicionais, territórios e na continuidade das alianças. O gênero é acionado para compreender o papel central das mulheres para cultivar a floresta (McNee, 2021), na produção cerâmica e outras materialidades, e nas conexões afetivas entre as pessoas e o meio ambiente.

As perspectivas da Arqueologia do Colonialismo (Hayes, 2015), permitem enfrentar lacunas no reconhecimento das redes comunitárias e das pessoas transnacionais deslocadas aos territórios paulistas, desafiando visões segmentadas e a-históricas. Tais relações foram invisibilizadas nas sínteses mais abrangentes (Plens, 2016; Sallum e Noelli, 2022a), negligenciando a história local e suas transformações particulares na demografia, identidade e materialidade. Assim, aumenta a possibilidade teórico-metodológica de expandir e rever interpretações do passado, mostrando agências de mulheres ignoradas nas perspectivas ocidentais heteronormativas das relações familiares (Franklin, 2001; Conkey, 2003; Ribeiro, 2017; Martins, 2020). Battle-Baptiste (2011) ressalta que “não há fórmula estabelecida” para pensar uma Arqueologia Negra Feminista, sendo necessário abordagens que integrem teorias e práticas de diversas disciplinas, como antropologia, história, narrativas diversas, história oral, estudos de materialidade, feminismos Indígenas, entre outras. A análise de gênero deve ser local, reconhecendo a miríade de relações nas comunidades de práticas (Wendrich, 2012).

O apagamento das histórias Indígenas e Afrodescendentes pela burocracia colonial e pela academia causa impactos diversificados no presente, mantendo as desigualdades sobre direitos e cidadania plena nas Américas. Os estilos de vida ancestrais foram ignorados no passado, por não se alinharem aos padrões sociais, culturais e econômicos europeus, “inviabilizando aquela(e)s que não se ajustavam à sua normativa” (Montón-Subías, 2021: 573). A compreensão acadêmica da sociabilidade das mulheres a partir de padrões impostos “desde fora” é paradigmática, interpretados sob estereótipos de padrões de submissão de gênero, relegando as mulheres ao ambiente doméstico. Tais percepções sustentaram o apagamento e reificaram a interpretação de uma sociedade artificialmente formada apenas pela classe dominante e escravizada(o)s, desconsiderando a maioria das pessoas livres que viviam nas comunidades tradicionais e nas plantações (Zarankin & Salerno, 2009; Sallum & Noelli, 2021a; Symanski, 2024).

Estudos Indígenas e de Diáspora Africana

Na América Latina desenvolveram importantes estudos sobre Diáspora Africana, particularmente relacionados aos Quilombos (Navarrete, 2001; Weik, 2004; Hartemann & Moraes, 2017; Balanzátegui, 2022; Mantilla, 2022; Ferreira & Souza, 2023). No Brasil, o exemplo do Quilombo dos Palmares, um dos primeiros estudos da arqueologia da Diáspora Africana na América Latina (Funari, 2003), sendo referência nas discussões sobre o sistema organizacional quilombola e a percepção das estratégias de resistência antiescravagistas, inspirando estudos sobre as interações de pessoas Africanas, Indígenas e Europeias e os processos de etnogênese (Ferreira & Symanski, 2023). Contudo, as políticas públicas do Brasil e de outros países frequentemente desconsideraram muitas comunidades tradicionais e rurais dessas áreas como descendentes Quilombolas (Escallón, 2019).

Os estudos de arqueologia histórica sobre os povos Indígenas no Brasil ainda são escassos (Souza, 2017), apesar dos avanços dos últimos anos. Nas Américas em geral, pouco se estudou a presença Indígena fora do encontro de entidades homogêneas nas narrativas sobre a história colonial (Sheptak & Joyce, 2019), havendo ênfase no estabelecimento “automático” dos Europeus. Há avanços na descolonização acadêmica brasileira, mas segue válida a consideração de Monteiro (1999: 239) sobre o estado da arte: o “interesse pela história dos índios se choca com posturas historiográficas arraigadas desde longa data, que desqualificam os índios como atores legítimos ou, quando muito, os deslocam para um passado remoto”.

Tal é o caso da população Tupi Guarani e Tupiniquim de São Paulo, Brasil, também conhecida como Tupi ou Tupi Antigo por historiadores e linguistas, considerada extinta indevidamente, não tendo a sua história reconhecida na produção acadêmica até recentemente (Ladeira, 2007; Macedo, 2009; Almeida, 2011; 2015; Leite, 2015; Danaga, 2012; Mainardi, 2017; Bertapeli, 2015, 2020; Sallum, 2018; Sallum & Noelli, 2022a; Noelli & Sallum, 2023b; Noelli & Sallum, 2023b). No entanto, há anos essas comunidades reivindicam a visibilidade de sua existência, como aponta Kauany da Silva Gonçalves, da Aldeia Awa Porungawa Dju, TI Pyátsagwêra (Dina et al., 2024: 27): “Muitos até hoje têm preconceito contra nós, Tupi Guarani. Até hoje, eles não conhecem o nosso modo de ser e de viver e eles precisam conhecer”.

A primeira pesquisa de arqueologia histórica que considerou a persistência Tupiniquim e Tupi Guarani em São Paulo foi realizada por Sallum (2018, 2022, 2023), com estudos posteriores em parceria com Noelli (Noelli & Sallum, 2019, 2021, 2020a, 2020b, 2023a; Sallum & Noelli, 2020, 2021a, 2022b; Sallum et al. 2020, 2023) e Peixoto (Peixoto et al., 2022; Noelli et al., 2023). Estas publicações propõem novas perspectivas à história colonial paulista, destacando o papel das mulheres Indígenas como atuantes nas relações comunitárias com Europeus, na transmissão do conhecimento, na logística alimentar, na produção da materialidade e na gestão residencial. Tais pesquisas também mostram que os Portugueses não dominaram as comunidades Tupiniquim nos séculos XVI, XVII e XVIII, quando vários deles ingressaram no modo de vida Indígena, em comunidades que mantiveram a sua autodeterminação em relação ao poder colonial, fato descrito como “autonomismo paulista” (Alencastro, 2000: 139). Nessas comunidades, coexistiram práticas colaborativas e de mercado, interligadas em constelações onde as relações Indígenas e Europeus não resultaram do binário colonizador-colonizado, mas da articulação de interesses estratégicos. Esta dinâmica mudou após 1750, com o massivo deslocamento humano vindo da África e da Europa para a região sudeste no ciclo do ouro em Minas Gerais.

No entanto, é preciso avançar para compreender outros aspectos dessa história Indígena e da sua relação com povos da Diáspora Africana que passaram a ter visibilidade em São Paulo a partir do século XVII, integrando as sociabilidades locais (Sallum & Noelli, 2021b). Há importantes estudos de arqueologia histórica sobre a cerâmica colonial em contextos de “trabalho” de pessoas Indígenas, Africanas e Europeias em São Paulo (Zanettini & Wicher, 2009; Agostini, 2010; Munsberg, 2018; Hora et. al. 2020; Manfrini, 2021), mas ainda há muito para compreender sobre as especificidades locais e, especialmente, o papel das mulheres em tais interações.

O estado de São Paulo tem uma longevidade temporal nas interações Indígenas, Afrodescendentes e Europeus desde o século XVI, inicialmente com maior presença de Portugueses e, no século XVII, com o crescente ingresso de pessoas Africanas e Afrodescendentes. Há uma vasta quantidade de informações escritas, materialidades, imagens e gravações audiovisuais não investigadas na perspectiva do gênero, mostrando as mulheres como lideranças sociais e políticas. Esse conhecimento vem ao encontro dos interesses das comunidades em evidenciar, fortalecer e resgatar aspectos de sua história.

Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira e Tekoas Guarani, Tupi, Tupi Guarani de Peruíbe, São Paulo

No litoral sul de São Paulo há uma longa história de relações entre Indígenas, pessoas da Diáspora Africana e Europeus. No Vale do Ribeira estão as últimas áreas contínuas de Floresta Atlântica do Brasil, abrigando comunidades agroflorestais com longas trajetórias locais autossustentáveis, com modos de vida colaborativos e solidários, com práticas milenares de preservar a integridade da floresta cultivando localmente alimentos, medicinas e materialidades que lhes são úteis. Ali vivem comunidades tradicionais, Quilombolas, Caiçaras, Indígenas e Caboclas (Tabela 1), incluindo as comunidades de mulheres artesãs de Apiaí, guardiãs de saberes Quilombolas, Indígenas e Europeus.

Tabela 1 – Comunidades do Vale do Ribeira

Comunidades	Povo/local	População	Principal Atividade
Quilombolas	Ivaporunduva (única com título de território)	80 famílias	Agricultura de subsistência, caça e pesca e coleta
	São Pedro	47 famílias	
Indígenas	Guarani Mbyá, Ñandeva, Tupi e Tupi Guarani	600 pessoas (10 aldeias)	Agricultura de subsistência, caça e pesca e coleta
Caiçaras	Complexo Estuário Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá	100 pessoas	Pesqueira de subsistência artesanal
Caboclas	Relação entre Portugueses, Indígenas e Negros	Indefinida	Roças de coivara e os puxirões (mutirões), em lavouras livres de agrotóxicos
Ceramistas	Indígenas, Quilombolas, Caboclas, Caiçaras, Afrodescendentes	Indefinida	Agricultura de subsistência, produção de cerâmica

Fonte: <https://www.ribeiravale.org.br/>

Nas comunidades tradicionais do Vale do Ribeira o sistema de produção de alimentos apresenta variações, mas é baseado nas roças de coivara, no manejo de uma diversidade de plantas, na agricultura de subsistência, na produção local da materialidade e na transmissão de conhecimentos entre as gerações (Figura 2). Dentre as várias associações de base solidárias

na região, destaco duas: 1) Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira (COOPERQUIVALE), com 267 cooperados de 16 comunidades; 2) Rede de Comunicadores dos Povos e Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira, composto por autodenominados caboclos, caiçaras, Guarani Mbyá e Quilombolas, distribuídos em 14 territórios. Neste contexto, as mulheres são historicamente responsáveis pelo manejo da agricultura e conservação ambiental, sendo catalisadoras de mudanças socioambientais, transformações locais e regionais, além de sustentar economicamente seus lares (vários colaboradores, 2022).

Figura 2 – Mulher capinando o arroz, Quilombo Ivopuranduva, Vale do Ribeira.



Foto: Eduardo Fagotto (Acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo).

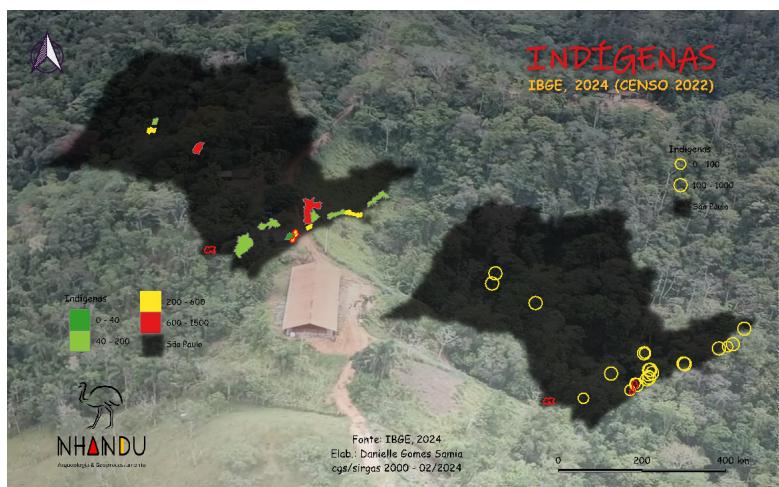
As figuras 3 e 4 mostram as áreas e densidade populacional Quilombola e Indígena em São Paulo, conforme o censo 2022.

Figura 3 – Territórios Quilombolas de São Paulo. Em vermelho - Vale do Ribeira e Peruíbe.



Elaborado por Danielle Samia.

Figura 4 – Territórios Indígenas de São Paulo. Contorno em vermelho – Vale do Ribeira e Peruíbe.



Elaborado por Danielle Samia.

Nos municípios de Peruíbe, Mongaguá e Itanhaém (Tabela 2), vivem as comunidades Tupi, Guarani e Tupi Guarani (Ladeira & Matta, 2004). A história de seus antepassados remonta à década de 1830, quando grupos Guarani migraram do Paraná e estabeleceram alianças e relações de parentesco com pessoas que hoje se identificam como Tupi. Na primeira

metade do século XX, pesquisadores diversos e antropólogos produziram relatórios sobre as interações entre povos Indígenas, Afrodescendentes e Europeus nesta parte do litoral de São Paulo, com uma abordagem sobre o viés da perda cultural e da mestiçagem (Krone, 1906; Baldus, 1929; Araújo Filho, 1949). No sentido contrário, aponta Almeida (2016: 143): “Ser índio puro não exclui ser índio misturado, exclui sim a categoria de mestiço que para as famílias Tupi Guarani pressupõe a perda da sua cultura, aquele que está virando branco.”

Tabela 2 – Populações Indígenas do litoral sul de São Paulo

Aldeia	Povo Indígena	População (Sesai, 2023)	Situação Fundiária	Município
T.I. Piaçaguera	Tupi Guarani (Nhandeva)	331 pessoas	Homologada	Peruíbe
Itaóca I, Itaóca II	Tupi Guarani (Mbyá, Nhandeva)	139 pessoas	Declarada	Mongaguá
Bananal	Tupi Guarani (Nhandeva)	36 pessoas	Homologada	Peruíbe
Aldeinha	Tupi Guarani (Nhandeva)	39 pessoas	Sem providências	Itanhaém

Fonte: <https://cpisp.org.br/povos-indigenas-em-sao-paulo/terras-indigenas/terras-indigenas-em-sao-paulo/>

De um lado, este projeto vai colaborar nas atividades de recuperação e fortalecimento da língua nas comunidades Tapirema e Tabaçu Reko Ypy da Terra Indígena Pyátsagwêra (Peruíbe, Itanhaém), engajando-se com seus representantes e com a linguista Fabiana Leite, que desde 2015 vêm fomentando o diálogo entre anciãs/anciões e as novas gerações (Figura 5). O objetivo também é integrar a materialidade ancestral nas rodas de conversas e intercâmbio entre comunidades de diferentes lugares, já iniciada em 2023 com os seminários (Figura 6), sobre os seguintes temas: 1) resgate de práticas tradicionais (p. ex. cerâmica); 2) soberania territorial e preservação das florestas; 3) compreensão das históricas relações de solidariedade e aliança com outros povos. Parte dessas demandas vem ao encontro do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Pyátsagwêra, elaborado coletivamente pela comunidade (Dina et al., 2024).

Figura 5 – Na imagem Luã Apyká e Fabiana Leite na Oficina de Revitalização Linguística Tupi Guarani (junho 2024), comunidade Tabaçu Reko Ypy da Terra Indígena Pyátsagwêra (Piaçaguera).



Foto: Marianne Sallum, 2024.

Figura 6 – Comunidade Tapirema, TI Pyátsagwêra (Piaçaguera) (Peruíbe). Oficina de revitalização linguística e assistência da fala de Catarina Nimbopyruá Delfina dos Santos no painel *Construindo Redes Afetivas Afro-Indígenas: Mulheres, Educação e Ativismo na América Latina*, Seminário Internacional “Povos Indígenas e Afrodescendentes nas Américas: Colaboração, Arqueologia, Repatriação e Patrimônio Cultural”. Na imagem: Renato Oliveira e Mariana Gonzaga.



Foto: Fabiana Leite, 2024.

De outro lado, a pesquisa vem evidenciando a persistência das práticas e saberes ancestrais de mulheres ceramistas de Apiaí (Figura 7 e 8), Juquiá, Itaóca, Jairê, Caputera, Barra de Areias, Campinas de Fora e Serrinha de Bom sucesso, descritas na pesquisa de Herta Scheuer, na década de 1960 (Sallum & Noelli, 2023), sendo necessário investigar o destino das mulheres ceramistas e se a suas descendentes ainda produzem vasilhas ou se guardam a memória de suas mães, parentes e conhecidas. São práticas cerâmicas que começaram em contextos Indígenas, mas se estenderam para além deles, com pessoas de diferentes lugares e épocas.

Figura 7 – Josinalva (Josinha) (Recanto da Cerâmica) e Lourdes Aparecida Camargo de Lima, comunidade de ceramistas de Apiaí.



Foto: Amanda Magrini, 2017.

Figura 8. Ceramistas do bairro de Encapoeirado, Apiaí (São Paulo).

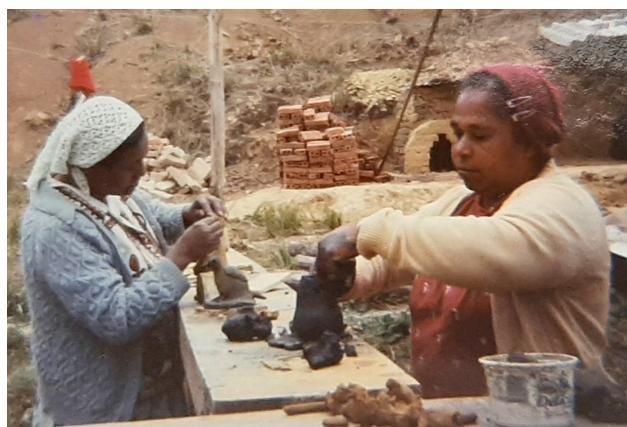


Foto: Mayy Kofler. Reproduzida de Sallum et al., 2023.

Objetivos

Com isso, procura-se contribuir para: 1) demonstrar/divulgar a importância da articulação entre Estudos Indígenas e da Diáspora Africana como relevante à compreensão do compartilhamento de experiências e redes solidárias; 2) ampliar o corpus teórico/empírico da Arqueologia do Gênero e Feminista para compreender o papel central das mulheres; 3) debater a história de longa duração de São Paulo, integrando dados interdisciplinares conhecidos com os novos levantados sobre a interação Indígenas e Afrodescendentes; 4) criar banco de dados robusto para disponibilizar informações inéditas sobre a temática; 5) definir colaborativamente os lugares e genealogias, propondo novas interpretações sobre as interações; 6) caracterizar a materialidade, suas matérias-primas, produção, consumo e nomenclaturas; 7) pesquisa linguística de vocabulários e expressões do falar contemporâneo envolvendo memórias de lugares, saberes e relações de parentescos; 8) propor novas interpretações sobre as estratégias de persistência e colaboração comunitária, por meio de modelos comparativos com projetos em desenvolvimento no Equador e Estados Unidos, fomentando a internacionalização e o intercâmbio de pesquisadora(e)s, representantes das comunidades e estudantes.

Metas

Espera-se gerar conhecimentos sobre a história de longa duração do sudeste de São Paulo, visando desenvolver algumas metas de pesquisa, ensino e extensão como:

1) a produção de repositório de memória participativo que inclui referências inéditas de dados genealógicos, mapeamento, linguístico e materialidades. A ênfase será sobre os itens que as comunidades têm interesse em registrar, recuperar ou fortalecer com o apoio da academia. Espera-se que o repositório seja uma referência para as novas gerações e para preservar conhecimentos tradicionais em contextos semelhantes nas Américas.

2) Contribuir para o desenvolvimento das bases teóricas e metodológicas da Arqueologia do Gênero e Feminista no âmbito dos estudos da arqueologia história, fomentando a integração da equipe de pesquisa brasileira ao debate internacional.

3) Internacionalização da instituição brasileira e consolidação da colaboração acadêmica com a Universidade de Massachusetts Boston (UMass-Boston, Estados Unidos) - iniciada por M. Sallum em 2015 (doutorado-sanduíche CAPES), consolidada em 2022 (pós-doutorado BEPE-FAPESP). Desta colaboração resultou a edição e publicação do dossiê “*Conexões Atlânticas: Arqueologia do Colonialismo*” (2022), e o *Seminário Internacional sobre Povos Indígenas e Afrodescendentes nas Américas* (2023/2024)³, dividido em quatro encontros (primeiros resultados publicados por Tuxá et al., 2024 e Chalá et al., 2024). Além disso, tem o apoio do Centro de Arqueologia (UNIARQ), Universidade de Lisboa, onde a Sallum é investigadora colaboradora desde 2020. O Museu Britânico (Londres) é parceiro no acesso da(o)s pesquisadora(e)s e comunidades ao acervo, incluindo apoio para visitas técnicas e análises da materialidade.

4) Colaborar com as comunidades na criação de conteúdos de ensino, pesquisa e extensão promovendo a produção de materiais bilíngues e/ou trilíngues, escritos e visuais, destinados ao público em geral e para as escolas das comunidades envolvidas. Um desdobramento dessa meta é contribuir para as “casas de memória”, como núcleos de fortalecimento comunitário e solidário do saber ancestral. O objetivo abrange investir em oficinas da retomada de práticas e linguagens ancestrais, visando não somente reativar a memória e promover o usufruto comunitário, mas também contribuir com alternativas educacionais decididas pelas comunidades para fortalecer as futuras gerações.

A produção de novos conhecimentos:

Há uma escassez de pesquisas de arqueologia histórica no Brasil para conectar presente e passado sobre as interações entre pessoas Indígenas e da Diáspora Africana, especialmente sobre o papel histórico das mulheres nas redes comunitárias e na articulação de práticas e materialidades. Tais interações resultaram em comunidades que foram demograficamente significativas ou dominantes em algumas áreas de São Paulo a partir do século XVIII, parte delas ancestrais dos Caiçaras, Caipiras, Quilombolas

3 Painel 1: “Arqueologias Indígenas, Territórios e Direitos Humanos”
https://youtube.com/playlist?list=PL3QczBZ6WxxkXi80h0qD7taUhUF_nJRvb
Painel 2: “Construindo Redes Afetivas Afro-Indígenas: Mulheres, Educação e Ativismo na América Latina”
<https://youtube.com/playlist?list=PL3QczBZ6WxxkaUfogYBadLjdT0uraLWc>

e outros grupos urbanos e não-urbanos. E essas comunidades tinham linguagem própria, confluência do Tupiniquim, Guarani, Português e Línguas Africanas, produziam a sua própria alimentação, plantas medicinais, matérias-primas, proteínas (pesca, caça e pecuária), vasilhas cerâmicas e outras materialidades que, posteriormente, também abasteceriam os núcleos urbanos do litoral, do Vale do Ribeira e de partes do interior. Em algumas áreas tais práticas perduram até meados do século 20 e, em outras, até o presente.

A metodologia interdisciplinar vai analisar qualitativamente e quantitativamente os acervos de dados arqueológicos, históricos, antropológicos, linguísticos, biológicos e genealógicos para mostrar a transmissão de saberes entre as gerações. Até o momento, as vasilhas cerâmicas e as comunidades de práticas de mulheres foram o eixo temático, que será ampliado para outras produções de materialidades e alimentação.

É uma pesquisa de base comunitária alinhada às demandas dos grupos participantes, tanto para reforçar as práticas atuais, quanto para resgatar práticas ancestrais não mais produzidas, seguindo a proposta de descolonização de Célia Xakriabá (2020) onde “não basta reconhecer os conhecimentos tradicionais, é necessário reconhecer com conhecedores”. Nessa linha, destaca-se a necessidade de encontrar caminhos de diálogos “em pé de igualdade” (Cusicanqui, 2017) e alianças afetivas (Krenak, 2016) que atenda os interesses das comunidades Indígenas e Afrodescendentes (Sallum, 2023). Neste aspecto, os referidos acervos e as descrições sobre eles em seus contextos de produção e consumo, serão importantes referências e inspirações para as mulheres retomarem práticas que as suas antepassadas deixaram devido à diversas circunstâncias colonialistas, para construir suas próprias narrativas. Assim, é essencial que a arqueologia apoie relações recíprocas e a soberania Indígena (e comunitária) no “compartilhamento de benefícios” e na gestão das “memórias vivas” nos arquivos históricos, rompendo com práticas de poder dominantes (Thorpe, 2024). Apesar da sua importância, as fontes orais foram subutilizadas na arqueologia histórica, particularmente para estudar comunidades cuja presença é ausente nos registros documentais (Tolson, 2014). Portanto, a colaboração é um reforço substancial ao projeto, tanto pelas informações a levantar em campo, quanto para garantir que a pesquisa seja representativa e respeitosa dos interesses e conhecimentos das comunidades (Sebastian Dring et al., 2019; Tuxá et al., 2024; Silliman, 2024).

A pesquisa utilizará *cinco* meios e métodos para superar os desafios da atualidade.

Primeiro: Interações e redes de parentesco e afinidade: investigar as relações das mulheres Indígenas e Afrodescendentes a partir do passado. Se vai desenvolver alguns casos, conectando o passado com o presente e vice e versa, em áreas do litoral de São Paulo, suas conexões com o interior e com algumas áreas de fora.

Ainda são incipientes no Brasil as pesquisas de genealogia na arqueologia histórica (cf. Peixoto, Noelli & Sallum, 2022; Noelli, Sallum & Peixoto, 2023). A genealogia construída coletivamente tem grande potencial para reconectar linhagens de transmissão de saberes interrompidos pelo colonialismo, usando múltiplas fontes (Breunlin, 2020). Espera-se, com essa abordagem, gerar informações inéditas de memória e registros históricos, destacando a redes de aliança e agência das mulheres Indígenas e Afrodescendentes na preservação dos saberes tradicionais e nas suas relações afetivas com os lugares.

Segundo, Ecologias de sustentabilidade e museus: levantar e analisar materialidades situadas em instituições públicas e privadas, estabelecendo métodos participativos de consulta as informações dos “acervos vivos” legados por seus ancestrais. O objetivo é entender as interações, as práticas de consumo e a transmissão de saberes Indígenas, Afrodescendentes e Europeus, investigando exemplos bem-sucedidos de museus comunitários nas Américas (Colwell, 2017; Lippert, 2021; Mello, 2023).

Tais informações são centrais para criar um banco de memória colaborativo para que as histórias possam ser contadas pelas comunidades envolvidas de maneiras que não foram “consideradas no momento da criação do registro” (Thorpe, 2024: 139), especialmente para a preservação das práticas tradicionais. Neste sentido, o projeto atuará como facilitador, contribuindo no levantamento e análise dos dados para que as comunidades sejam guardiãs de suas memórias e materialidades dispersas em várias instituições.

Terceiro, Mapeamentos dos lugares Indígenas e Afrodescendentes: evidenciar tanto as redes de comunidades cultivadoras da floresta (tekoá, tekoába e quilombo), assentamentos coloniais, centros urbanos, como os processos de deslocamento por pressões econômicas/sociais/climáticas, estratégias de autoliberação (Beier & Marhtin, 2018; Samia, 2022; Dunnivant et al., 2023; Balanzátegui & Lara, no prelo).

As informações dos mapas coloniais e arqueológicos são incompletas para compreender a distribuição das comunidades da floresta no passado, tanto nas representações nos mapas históricos, quanto pela falta de monumentalidade nos lugares construídos com materiais biodegradáveis que desapareceram nos processos naturais de decomposição orgânica, erosão, crescimento vegetativo, desmatamento e consequências das mudanças climáticas. A pesquisa, ao incorporar as perspectivas comunitárias nas análises dos documentos históricos e nos métodos da arqueologia, permite identificar lugares, traçar rotas e conexões solidárias de significância histórica para povos Indígenas e Afrodescendentes que estão fora da lógica europeia de ocupação dos espaços (Beaulieu, 2022).

Quarto, Linguística e a memória histórica de mulheres Indígenas e Afrodescendentes: investigar a história oral e os discursos e eventos passados que produzem sentido nas palavras por um processo de filiação do falar atual. O objetivo é evidenciar relações, identificar regularidades e encontrar vestígios de uma memória histórica (social, coletiva) que dá sentido aos discursos do presente (Courtine, 1999; Pêcheux, 1999).

Ao concentrar-se naquilo que foi esquecido e que aparece nas palavras e práticas das pessoas, esta abordagem faz emergir aspectos da memória histórica das mulheres que são frequentemente negligenciados na historiografia e nas demais Humanidades de São Paulo. Por exemplo, a análise histórico-comparativa das terminologias de parentesco, traz um impacto importante ao permitir compreender as mudanças nas estruturas sociais e nas funções familiares ao longo do tempo, indicando não somente relações consanguíneas, mas papéis sociais das mulheres nas redes comunitárias (Leite, 2023). E considera aspectos das línguas Tupiniquim/Tupinambá e Língua Geral Paulista na vida cotidiana (Leite, 2015; Noelli & Sallum, 2021).

Quinto, Comparação de histórias de Persistência Indígena e Afrodescendente: pretende-se dar continuidade ao diálogo com dois projetos de arqueologia histórica comunitária já consolidados: um deles sobre as estratégias de resistência de mulheres Afroequatorianas do Valle del Chota, Equador (Balanzátegui, 2018) e o outro de escavação arqueológica para contribuir com as demandas pelo reconhecimento federal de comunidades Indígenas Eastern Pequot (Silliman, 2008). Embora distintos geograficamente, os três contextos possuem problemas comuns a inspirar o diálogo internacional: histórias semelhantes de interação solidária

entre povos Indígenas e da Diáspora Africana que enfrentam há séculos o colonialismo e o racismo. Isso inclui as lutas por reconhecimento territorial, linguístico e identitário, articulando intencionalmente “certas práticas e identidades relacionadas à luz de novas realidades econômicas, políticas e sociais... ligando efetivamente passado e presente em uma trajetória dinâmica, mas ininterrupta” (Panich et al, 2018).

A comparação entre Brasil, Equador e Estados Unidos é inédita na arqueologia histórica, havendo expectativa da(o)s pesquisadora(e)s envolvidos sobre o impacto da comparação entre os três contextos a partir do interesse manifestado por representantes das comunidades no diálogo iniciado em 2023, fortalecendo a interdisciplinaridade, transnacionalidade e parcerias sobre estratégias de sobrevivência. Como resultado dessa perspectiva trifurcada, aumenta-se a capacidade de contribuir para o avanço da arqueologia e para a sua descolonização, ao mesmo tempo que se encontram meios para as comunidades de São Paulo consolidarem seus diálogos com outras comunidades para ampliar seus direitos civis.

Integração dos dados

Este projeto visa investigar as interações entre mulheres Indígenas e Afrodescendentes na arqueologia histórica de São Paulo usando uma diversidade de métodos. Traçar essas trajetórias históricas é difícil pela escassez de registros arqueológicos disponíveis, especialmente por se tratar de lugares e materialidades construídos predominantemente com materiais biodegradáveis, agravado pela incompletude dos registros históricos. A situação estimula novos problemas de pesquisa e métodos para superar as limitações factuais, adotando-se a estratégia da multiplicidade de abordagens, vindas das comunidades, da(o)s pesquisadora(o)s e estudantes do projeto. Dessa forma, é possível criar um ambiente de pesquisa criativo com tais interações, usando métodos integrados de arqueologia, história, história oral, genealogia crítica, linguística histórica, geociências, biociências, análise de isótopos e produção artística. Essa integração tem o objetivo não somente de acrescentar perspectivas na arqueologia histórica brasileira, mas também formar pessoas capazes de ampliar a base de dados, levantar informações em fontes diversas e produzir novos conhecimentos sobre as comunidades e suas interações do passado ao presente.

Apoios institucionais

Laboratório de Estudos Arqueológicos (LEA) do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), representado por Claudia Plens; Universidade de Massachusetts-Boston, por Daniela Balanzátegui e Stephen W. Silliman; Museu Britânico (Londres), por Louise Cardoso de Mello (SDCELAR – Santo Domingo Centre of Excellence for Latin American Research); Centro de Arqueologia (UNIARQ) da Universidade de Lisboa (Portugal), representado por Mariana Diniz; Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (LEVOC), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, por Astolfo Araujo, dando a continuidade a colaboração acadêmica iniciada no âmbito do Projeto Temático FAPESP (2019/17868-0, 2019/18664-9).

Agradecimentos

Aos editores da revista, especialmente Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, e comentários e sugestões dos revisores anônimos que contribuíram nas melhorias no texto. FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2019/17868-0, 2021/09619-0, 2019/18664-9). À Daniela Balanzátegui pela parceria e troca de ideias sobre colaboração com as mulheres Afroequatorianas, que muito enriqueceram a discussão deste texto. Ao Francisco Noelli pelas revisões, comentários e ativa participação na pesquisa. Ao Stephen W. Silliman, pela parceria constante e pelas leituras atentas e sugestões cuidadosas. À Danielle Samia, pela amizade e por gentilmente ter confeccionado os mapas. À Fabiana Leite, pelo diálogo sobre a parte linguística na colaboração com a comunidade Tupi Guarani. Ao Instituto Socioambiental (ISA), Museu da Imagem e do Som de São Paulo, Amanda Magrini, e Mayy Koffler por cederem o uso das imagens. Aos amigos pelas sugestões e parcerias de pesquisa: Luã Apyká, Catarina N. D. dos Santos, Benedita Dias, Astolfo Araujo, Renata M. Martins, Mercedes Okumura, Tânia Casimiro, Louise Cardoso de Mello, Lucio Menezes Ferreira, Carolina Guedes, Carlos Lazcano, Valentina Romero, Andrea Chavez, Katherine Chalá e Genesis Delgado. Ao Projeto Jovem Pesquisador FAPESP - 2024/04746-1.

Referências

Agostini, Camila. 2010. Panelas e paneleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 4(2): 126–144.

Alencastro, Luiz Felipe de. 1992. *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico*, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras.

Almeida, Lígia R. 2011. *Os Tupi Guarani de Barão de Antonina-SP: migração, território e identidade*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Almeida, Lígia R. 2016. *Estar em movimento é estar vivo: Territorialidade, pessoa e sonho entre famílias Tupi Guarani*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Araújo Filho, José R. 1949. O caiçara na região de Itanhaém. *Boletim Paulista de Geografia*, 2: 7–18.

Atalay, Sonya. 2020. Indigenous Science for a World in Crisis. *Public Archaeology*, 19: 37-52.

Balanzátegui, Daniela. 2018. Collaborative Archaeology to Revitalize a Historic Afro-Ecuadorian Cemetery, La Concepción, Chota-Mira Valley (Carchi-Ecuador). *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage* 7(1): 42-69.

Balanzátegui, Daniela. 2022. Narrativas del paisaje histórico afroecuatoriano en la Concepción (Carchi-Ecuador). *Cadernos do Lepaarq*, 19(37): 250–272.

Balanzátegui, Daniela, & Barbarita, Lara (no prelo). El derecho de mi plena libertad: Politics of Memory of Afro-Ecuadorian Maroon Women in the Chota Valley. In P.-A. Addo, D. Fox, & C. Ellis (Eds.), *The spirit of marronage: expressions of Afrikan indigenous sovereignty*. Delaware: Vernon Press.

Baldus, Herbert. 1929. Ligeiras notas sobre os índios Guarany do litoral paulista. *Revista do Museu Paulista*, 16: 83–95.

Battle-Baptiste, Whitney. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press.

Beaulieu, Terry. 2022. Decentring archaeology: Indigenizing GIS models of movement on the plains. *Plains Anthropologist*, 67 (262): 149-171.

Beier, José R., & Marhtin, Daniel. 2018. Aspectos da representação do território paulista em sua cartografia impressa: uma análise cartobibliográfica (1833-1932). *Confins [En ligne]* 34.

Bertapeli, Vladmir. 2015. *As metamorfoses do nome: história, política e recombinações identitárias entre os Tupi Guarani*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

Bispo dos Santos, Antônio. 2019. As Fronteiras entre o Saber Orgânico e o Saber Sintético. In: A. R. Oliva, M. C. Marona, & R. C. G. Filice (Orgs.), *Tecendo Redes Antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. 23-37. São Paulo: Autêntica.

Breunlin, Rachel. 2020. Decolonizing Ways of Knowing: Heritage, Living Communities, and Indigenous Understandings of Place. *Genealogy*, 4 (3), 95: 2-28.

Carvalho, Maria do Carmo Brant de. 1997. A reemergência das solidariedades microterritoriais na formatação da política social contemporânea. *São Paulo Perspect*, 11(4):16-21.

Chalá, Katherine, Balanzátegui, Daniela, Romero, Valentina, Santos, Catarina Nimbopyruá Delfina dos, Sugía, María Celeste Sánchez, Yawalapiti, Watatakalu, John, Maria, Sallum, Marianne. 2024. Construindo Redes Afetivas Afroindígenas: Mulheres, Educação e Ativismo na América Latina. Agora. <https://doi.org/10.25660/AGORA0019.EYVZ-Y473>

Colwell, Chip. 2017. Introduction. In *Plundered Skulls and Stolen Spirits: Inside the Fight to Reclaim Native America's Culture*, 1-63. University of Chicago Press.

Conkey, Margaret W. 2003. Has feminism changed archaeology?, *Journal of Women in Culture and Society*, 28 (3): 867-880.

Courtine, Jean-Jacques. 1999. O Chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In F. Indursky & M. C. Leandro (Orgs.), *Os múltiplos territórios da análise do discurso*, 23-41. Editora Sagra Luzzatto.

Cruz, Barbara. 2021. Pensamento como percurso: ensaio sobre encontros afropindorâmicos. In M. Goldman (Org.), *Outras histórias: ensaios sobre a composição de mundos na América e na África*. 1st ed., 23-41. Rio de Janeiro: Editora 7Letras.

Cusicanqui, Silvia Rivera. 2017. Esas papitas me están mirando! Silvia Rivera Cusicanqui y la textura ch'ixi de los mundos. *Revista de @ntropología da UFSCar*, 9 (2): 219-230.

Danaga, Amanda C. 2012. *Os Tupi, os Mbaya e os Outros: um estudo etnográfico da aldeia Renascer – Ywyty Guaçu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos.

Dina, Agatha et al. 2024. *Diretrizes para a gestão e bem viver: plano de gestão territorial e ambiental da terra Indígena Piaçaguera*. 1. ed. São Paulo: Comissão Pró Índio de São Paulo. (disponível em: <https://cpisp.org.br/indigenas-lancam-plano-de-gestao-territorial-e-ambiental-na-ti-piacaguera/>)

Dunnivant, Justin, Wernke, Steven, & Kohut, Lauren. 2023. 'Counter-Mapping Maroon Cartographies: GIS and Anticolonial Modeling in St. Croix'. *ACME*, 22 (5): 1294–1319.

Escallón, Maria Fernanda. 2019. Rights, inequality, and afro-descendant heritage in Brazil, *Cultural Anthropology*, 34 (3): 359–387.

Ferreira, Lucio M., & Symanski, Luís. 2023. Transformation and Resistance: African Diaspora Archaeology in Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 21.

Ferreira, Lucio M., & Souza, Marcos A. T. 2023. Afro-Brazilian Archaeology. In: Nikita, E., Rehren, T. (eds.). *Encyclopedia of Archaeology*, 2 (1): 36-44, London: Academic Press.

Franco, Francisco de Assis Carvalho. 1954. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. Comissão do IV Centenário.

Franklin, Maria. 2001. A Black feminist-inspired archaeology?. *Journal of Social Archaeology*, 1 (1): 108–125.

Funari, Pedro Paulo. 2003. Conflict and the interpretation of Palmares, a Brazilian runaway polity. *Historical Archaeology*, 81-92.

Goldman, Marcio. 2017. Contradiscursos Afroindígenas sobre Mistura, Sincrétismo e Mestiçagem Estudos Etnográficos. In F. Pazzarelli, J. Sauma, & M. Hirose (org.), *R@U Revista de Antropologia da UFSCAR*, 9 (2): 11-28.

Gonzalez, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Hartemann, Gabby, & Moraes, Iris. 2017. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 12 (2): 9–34.

Hayes, Katherine H. 2015. Indigeneity and Diaspora: Colonialism and the Classification of Displacement. In C. N. Cipolla & K. H. Hayes (Eds.), *Rethinking Colonialism: Comparative Archaeological Approaches*, 54–75. University Press of Florida.

Hora, Juliana F.; Porto, Wagner C.; Magalhães, Wagner & Alencastro, Elaine. 2020. Unveiling regional archaeological heritage, historical archaeology at Vale do Ribeira: The case of Sobrado dos Toledos, Iguape-São Paulo. *International Journal of Historical Archaeology*, 20 (3): 707-727.

Jancz, Carla; Marques, Gláucia; Nobre, Miriam; Moreno, Renata; Miranda, Rosana; Saori, Sheyla, & Franco, Vivian. 2018. *Feminist Practices for Economic Change Women's autonomy and agroecology in the Vale do Ribeira region*. Karen Lang (Trans.). SOF Sempreviva Organização Feminista.

Krenak, Ailton. 2015. A questão indígena e a América Latina (Originalmente publicado em 1994). In S. Cohn (Org.), *Ailton Krenak: Encontros*, 150-173. Rio de Janeiro: Azougue.

Krenak, Ailton. 2016. 'Alianças vivas'. In S. Cohn & I. Kadiwel (Orgs.), *Ailton Krenak: Coleção Tembetá*, 169-184. Rio de Janeiro: Azougue.

Krenak, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

Krone, Ricardo. 1906. 'Die Guarany Indianer des Aldeamento do Rio Itariri im Staate von São Paulo in Brasilien'. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, 36: 131–146.

Ladeira, Maria Inês & Matta, Priscila (Org.). 2004. *Terras Guarani no Litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós*. São Paulo: CTI - Centro de Trabalho Indigenista.

Ladeira, Maria Inês. 2017. *O caminhar sobre a luz: o território mbya à beira do oceano*. EDUNESP.

Leite, Fabiana R. 2015. *A Língua Geral Paulista*. 1. ed. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas.

Leite, Fabiana R. 2023. *Língua e cultura Nhandewa Tupi-guarani: do Guairá (séc. XVII) a São Paulo (séc. XXI)*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Lippert, Dorothy. 2021. The limits of repatriation's decolonizing abilities. In L. M. Panich & S. L. Gonzalez (Eds.), *Routledge Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*, 516-523. Londres: Routledge.

Macedo, Valéria M. de. 2009. *Cultura e afeição em uma aldeia guarani na Serra do Mar*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mainardi, Camila. 2017. Tupi Guarani: Entre usos e exegeses. In F. Pazzarelli, J. Sauma, & M. Hirose (org.), *Dossiê (Contra) Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas, R@U Revista de Antropologia da UFSCAR*, 9 (2): 3-86.

Manfrini, Marcelo. 2021. Variabilidade decorativa na cerâmica paulista colonial: influências e resistências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 37: 1-26.

Martins, Renata Maria de Almeida. 2020. Práticas de re-existência e opção decolonial nas artes da Amazônia: indígenas pintoras e redes de circulações locais/globais de saberes e objetos. In Renata Martins; Luciano Migliaccio (Org.), *No embalo da rede: trocas culturais, história e geografia artística do Barroco na América Portuguesa*, 1. ed. Sevilha: UPO / Enredars, volume 13: 343-364.

Montón-Subías, Sandra. 2021. Otros pasados son posibles. Discurso y arqueología feminista. *Discurso & Sociedad*, 15(3): 569-587.

McNee, Malcolm. 2021. *Indigenous Women on the Frontlines of Climate Activism: The Battle for Environmental Justice in the Amazon, Sônia Guajajara and Célia Xakriabá*. Spanish and Portuguese Faculty Publications, Smith College, Northampton, MA.

Mello, Louise Cardoso de. 2023. À beira do rio e à margem da história: (Re) ocupando espaços através da etnoeducação patrimonial e da reexistência de uma comunidade no Guaporé afro-amazônico. *Cadernos do Lepaarq*, 20 (40): 107-124.

Monteiro, John Manuel. 1999. Armas e Armadilhas. In A. Novaes (Org.), *A Outra Margem do Ocidente*, 237-250. Companhia das Letras.

Moura, Américo. 1950. Os povoadores do campo de Piratininga. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 67.

Munsberg, Suzana. 2018. *Dos Seiscentos aos Oitocentos: Estudo da Variabilidade Estilística da Cerâmica Durante os Processos de Construção e Reconfiguração das Identidades Paulistanas*. Master's thesis, Universidade Federal de Minas Gerais.

Navarrete, Carlos. 2001. *Los arrieros del agua*, Biblioteca Popular de Chiapas. Coneculta Chiapas.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2019. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná Brasil. *Mana: Revista de Antropologia Social*, 25 (3): 702-742.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2020a. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da cerâmica paulista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 34: 132-153.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2020b. Para cozinhar... as panelas da Cerâmica Paulista. *Habitus. Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 18 (2): 501-538.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2021. Por uma história da linguagem da Cerâmica Paulista: as práticas compartilhadas pelas mulheres. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 13 (01): 367-396.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2023a. Archaeologies of Colonialism and the Indigenous Presence in Brazil: The remarkable Tupí Guarani trajectory. *Archaeological Review from Cambridge*, 38 (1): 113-133.

Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2023b. O apagamento dos povos Indígenas nas narrativas do passado e do presente: Arqueologia e História de São Paulo. *Clio Arqueológica*, 38 (2): 116-144.

Noelli, Francisco, Sallum, Marianne, & Peixoto, Sílvia A. 2023. Archaeologies of gender, kinship, and mobility in Southeast Brazil: Genealogies of Tupiniquim women and the itinerary of ceramic practices. *Journal of Social Archaeology*, 23 (2): 193-218.

Panich, Lee M., Allen, Rebecca, & Galvan, Andrew. 2018. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, 38 (1): 11-29.

Passos, Lara de Paula, Carvalho, Patrícia Marinho de, & Soares, Alice de Matos. 2024. Rede de Arqueologia Negra–NegrArqueo 2018-2024: retalhos históricos de movimentos coletivos. *Revista de Arqueologia*, 37 (2): 6-29.

Pêcheux, Michel. 1999. Papel da memória. In: P. Achard et al. (Orgs.), *Papel da memória*, 49-57. Pontes.

Peixoto, Sílvia, Noelli, Francisco S., & Sallum, Marianne. 2022. De São Vicente a Jacarepaguá: uma genealogia de mulheres Tupiniquim e a Itinerância da Cerâmica Paulista. *Cadernos do Lepaarq*, 19 (37): 326-355.

Plens, Claudia R. 2016. Objetos, paisagens e patrimônio: introdução. *Revista do Museu de Arqueologia E Etnologia*, 26: 1-9.

Ribeiro, Loredana. 2017. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. *Revista de Arqueologia*, 30 (1): 210-234.

Sallum, Marianne. 2018. *Colonialismo e ocupação tupiniquim no litoral sul de São Paulo: uma história de persistência e prática cerâmica*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

Sallum, Marianne. 2023. Rethinking Latin American Archaeology: “Affective Alliances” and Traditional Community-Engagement. *Papers from the Institute of Archaeology*, 34 (1): 1-42.

Sallum, Marianne, Noelli, Francisco S., & Koffler, Mayy. 2023. ‘Mulheres Indígenas e Afrodescendentes e a produção de Cerâmica Paulista nas fotografias de Herta Löell Scheuer, Plácido de Campos Júnior & Mayy Koffler’. *Cadernos do Lepaarrq*, 20 (40): 72-87.

Sallum, Marianne, & Noelli, Francisco. 2020. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters’ Practices in Brazil: From Tupiniquim to Paulistaware. *International Journal of Historical Archaeology*, 24 (3): 546–570.

Sallum, Marianne, & Noelli, Francisco. 2021a. “A pleasurable job” ... Communities of women ceramicists and the long path of Paulistaware in São Paulo. *Journal of Anthropological Archaeology*, 61 (1): 101–245.

Sallum, Marianne, & Noelli, Francisco. 2021b. “Politics of Regard” and the Meaning of Things: The persistence of ceramic and agroforestry practices by women in São Paulo, In L. M. Panich & S. L. Gonzalez (Eds.), *The Routledge Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*, 338–356. Londres: Routledge.

Sallum, Marianne, & Noelli, Francisco. 2022a. “Política da consideração” e o significado das coisas: A persistência de comunidades de práticas agroflorestais em São Paulo, *Cadernos do Lepaarrq*, 19 (37): 356–389.

Sallum, Marianne, & Noelli, Francisco S. 2022b. ‘Arqueologia do Colonialismo e Povos Indígenas’. In: L. C Symanski, M. A. T. de Souza (eds.), *Arqueologia Histórica no Brasil*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 275-307.

Sallum, Marianne; Ioris, Hyrma; Guedes, Carolina; Noelli, Francisco S. 2023. “Carinhosas conservadoras” de saberes ancestrais: o testemunho de Herta Löell Scheuer como um exemplo de Arqueologia da Escuta sobre as práticas das mulheres ceramistas de São Paulo e do Paraná, *Noctua: Arqueologia e Patrimônio*, 2(8).

Sallum, Marianne, Ioris, Hyrma, & Noelli, Francisco S. 2021. A Cerâmica Paulista e o apagamento epistemológico das mulheres Tupiniquim na Capitania de São Vicente, Brasil. *Arche - Revista Discentes de Arqueologia da Universidade Federal de Rio Grande*, 1: 61-63.

Samia, Danielle. 2022. *Fluidez das Paisagens Arqueologia na Confluência dos Rios Parnaíba e Poti*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí.

Sebastian Dring, Kathryn H., Silliman, Stephen W., Gambrell, Natasha, Sebastian, Shianne, & Sidberry, Sebastian R. 2019. Authoring and Authority in Eastern Pequot Community Heritage and Archaeology, *Journal of the World Archaeological Congress*, 15 (3): 352–370.

Segato, Rita. 2010. Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico decolonial, In A. Quijano & J. M. Navarrete (Eds.), *La Cuestión Descolonial*. Universidad Ricardo Palma/Cátedra América Latina y la Colonialidad del Poder. (s/p).

Sempértegui, Aida. 2020. Decolonizing the anti-extractive struggle: Amazonian women's practices of forest-making in Ecuador, *Journal of International Women's Studies*, 21 (7): 122-138.

Sheptak, Russell, & Joyce, Rosemary. 2019. Hybrid Cultures: the visibility of the European invasion of Caribbean Honduras in the sixteenth Century. In C. Hofman & K. Keegan (Eds.), *Material Encounters and Indigenous Transformations in the Early Colonial Americas*, 221–237. Leiden: Brill.

Silliman, Stephen W. 2008. Collaborative indigenous archaeology: Troweling at the edges, eyeing the center. In Silliman, S.W. (ed.) *Collaborating at the Trowel's Edge: Teaching and Learning in Indigenous Archaeology*, 1-21. Tucson: University of Arizona Press.

Silliman, Stephen W. 2022. Colonialismo na arqueologia histórica uma revisão de problemas e perspectivas. *Cadernos do Lepaarq*, 19 (37): 26-54.

Silliman, Stephen W. 2024. Lightfoot Living Practicing Humility, Care, and Collaboration. In S. Mallios, S. L. Gonzalez, M. Grone, K. L. Hull, P. Nelson, S. W. Silliman (Eds.), *Inclusion, transformation, and humility in North American archaeology: essays and other “great stuff” inspired by Kent G. Lightfoot*, 277-289. New York: Berghahn.

Souza, Marcos André Torres de. 2017. A Arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos. *Revista de Arqueologia*, 30 (1): 144–167.

Symanski, Luís. 2024. Engenhos e Escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades. Belo Horizonte: Caravana.

Thorpe, Kirsten. 2024. Returning love to Ancestors captured in the archives: Indigenous wellbeing, sovereignty and archival sovereignty, *Arch Sci*, 24: 125–142.

Tolson, Louise. 2014. Toward a Methodology for the Use of Oral Sources in Historical Archaeology. *Historical Archaeology*, 48 (1): 3–10.

Tuxá, Yacunã, Gambrell, Natasha, Apyká, Luã, Morseau, Blaire, Silliman, Stephen W., Balanzategui, Daniela, & Sallum, Marianne. 2024. Indigenous archaeologies, territories, and human rights: dialogues among representatives of the Tupi Guarani, Tuxá, and Eastern Pequot. *Agora*. <https://doi.org/10.25660/AGORA0015.E1YP-MV02>

Várias autorias. 2022. *Do quilombo à floresta: guia de plantas da mata atlântica no Vale do Ribeira*. In B. C. Magdalena (Org.), 1. Ed., São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental.

Weik, Terry. 2004. Archaeology of the African Diaspora in Latin America. *Historical Archaeology*, 38 (1): 32–49.

Weik, Terry. 2021. African-Indigenous interactions in colonial America: From divisions to dialogue, In L. M. Panich & S. L. Gonzalez (Eds.), *Routledge Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*, 146-162. Londres: Routledge.

Wendrich, Willeke. 2012. *Archaeology and Apprenticeship: Body Knowledge, Identity, and Communities of Practice*. Tucson: The University of Arizona Press.

Xakriabá, Célia. 2020. Amansar o giz. *PISEAGRAMA*, 14: 110–117.

Zanettini, Paulo, & Wickers, Camila M. 2009. A cerâmica de produção local/ regional em São Paulo colonial, In W. Morales & F. Moi (Eds.), *Cenários regionais em Arqueologia Brasileira*, 311–334. São Paulo: Annablume.

Zarankin, Andrés, & Salerno, Melisa A. 2009. Sobre bonecas e carrinhos: desconstruindo as categorias “feminino” e “masculino” no passado. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, 11 e 12 (20 e 21): 219-240.